

Entre caminhos e condutas: o discurso da morte em Manuais de Bem Morrer e Preparação do século XVIII na Península Ibérica.

Tháise Colletti Pavani*, Rui Luis Rodrigues.

Resumo

A proposta deste estudo científico integra uma investigação bibliográfica acerca das liturgias de Preparação e Boa Morte produzidas e divulgadas pela esfera intelectual religiosa durante o século XVIII na Península Ibérica. Para isso, busca-se mapear e quantificar as referências a esse corpus documental em uma perspectiva ampla, a fim de compreender o impacto dessa literatura na maneira com que a experiência da morte é articulada frente os impasses sócio-históricos do período.

Palavras-chave:

Morte, Bem morrer, Liturgias.

Introdução

A experiência do morrer, bem como suas implicações sociais, permanece sendo um objeto de estudo caro à historiografia e às humanidades. De forma geral, o caminho percorrido pelas narrativas relacionadas ao fim da vida experimentou transformações de fé e de mentalidade durante a história, principalmente ao longo da Era Moderna.

Entre o séculos XVII e XVIII o mundo Ibérico foi via de circulação de Manuais de Bem Morrer escritos por sacerdotes jesuítas e dominicanos. Em linhas gerais, esses impressos estabeleciam uma nova forma de encarar a morte, por meio da necessidade individual de preparação da alma para o Juízo Final. Nesse sentido, é comum que tais fontes possuam uma linguagem objetiva, formato reduzido e façam referência à textos bíblicos populares.

Para além dos aspectos qualitativos da fonte devemos nos atentar a maneira com que o discurso da *salvação* e a ideia do *além vida* permeiam não somente os escritos, como também o cotidiano da sociedade ibérica. A partir da leitura e apropriação dos Manuais é possível enxergar o coletivo imerso em uma nova escatologia cristã.

Sendo assim, o objetivo deste estudo é delinear os debates acerca dos Manuais e, acima de tudo, compreender o papel da Igreja como interlocutora entre o mundo dos vivos e dos mortos.

Resultados e Discussão

Primeiramente levantamos um corpo bibliográfico que fizesse menção aos Manuais de Bem Morrer e a ideia da *boa morte*. A partir disso, direcionamos o foco da pesquisa aos estudos mais mencionados. Em específico: Ana Araújo¹, Cláudia Rodrigues² e Eliane Deckmann Fleck³.

Em um segundo momento foi necessário uma leitura crítica e atenta, a fim de percorrer o caminho argumentativo das respectivas autoras. Por fim, nos deparamos com diferentes abordagens e compreensões sobre o fenômeno do morrer no século XVIII.

Existem similaridades na forma com que as fontes são utilizadas dentro dos estudos, contudo o campo da

História permite que o mesmo documento seja interpretado de diversas formas. O que nos chama atenção entre as três bibliografias é a maneira com que as autoras, dentro do espectro da longa duração, classificam o aparecimento dos Manuais de Bem Morrer. Há aquelas que percebem nessas fontes uma conexão com a proposta das artes de bem morrer já em voga entre os séculos XIV – XVI. E, por outro lado, aquelas que procuram destacar o papel institucional da Igreja na transformação das práticas do morrer. Atribuindo, assim, certa ruptura com o passado artístico.

Conclusões

Espera-se, por fim, questionar qual o caráter dos Manuais de Bem Morrer e Preparação. Seriam essas fontes, de fato, Manuais se olharmos no quesito prático? Em que medida o aspecto devocional não se aproximaria da concepção de morte já apresentada em Tratados de séculos anteriores sobre a arte de morrer?

Esses questionamentos são fundamentais para que se compreenda o percurso das ideias e práticas relacionadas à morte, e, acima de tudo, o papel da Igreja dentro dessas dinâmicas.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa. Também ao meu orientador Prof. Dr. Rui Luis Rodrigues que desde o início acolheu pacientemente minhas inquietações e, acima de tudo, não deixou de acreditar em meu potencial como historiadora. E por fim, agradeço a minha mãe Nanci Pavani (*in memoriam*) que sabiamente transformou silêncios em palavras.

¹ ARAÚJO, Ana Cristina Cardoso dos Santos Bartolomeu de. *A morte em Lisboa: Atitudes e representações 1700-1830*. Coimbra, ed. aut., 1995, 766 p.

² RODRIGUES, Cláudia. *Nas Fronteiras do Além: a secularização da morte no Rio de Janeiro séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

³ DECKMANN FLECK, E. C.; DILLMANN, M. “Se viveres como louco sabes que hás de morrer sem juízo”: as orientações para um bom morrer na literatura cristã portuguesa do século XVII. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 2015.